

## Varia

# A dramatização política da “obra aberta” em “A morte de Virgílio”

The politic dramatization of “open work” in “The death of Virgil”

Wagner Schadek<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

## RESUMO

O ensaio explora *A morte de Virgílio* de Hermann Broch como uma obra literária que dialoga com o conceito de “obra aberta”, formulado por Umberto Eco. Analisamos a tensão central entre Virgílio e Augusto, representando o confronto entre as esferas política e poética, autoria e recepção, bem como o impacto histórico e filosófico dessa dinâmica. Ao abordar a “teoria da democracia” de Broch, destacamos a relação entre o ethos democrático e as implicações éticas da dignidade humana, fundamentada em vigilância contínua, conforme expresso na obra *Autopsicografia Psíquica*. A análise final conecta os debates de Broch às teorias estéticas contemporâneas, discutindo os riscos interpretativos e as possibilidades emancipadoras da recepção de obras abertas.

**Palavras-chave:** Hermann Broch; A Morte de Virgílio; Umberto Eco; Obra aberta; Democracia; Ética

## ABSTRACT

This essay examines Hermann Broch's *The Death of Virgil* as a literary work that engages with Umberto Eco's concept of the “open work.” It delves into the central tension between Virgil and Augustus, symbolizing the conflict between political and poetic realms, authorship, and reception, alongside the historical and philosophical implications of this dynamic. Discussing Broch's “theory of democracy,” we highlight the relationship between democratic ethos and ethical implications of human dignity, grounded in continuous vigilance, as expressed in *Autopsicografia Psíquica*. The final analysis connects Broch's debates to contemporary aesthetic theories, addressing interpretative risks and emancipatory potentials of open works.

**Keywords:** Hermann Broch; The Death of Virgil; Umberto Eco; Open work; Democracy; Ethics

## 1 INTRODUÇÃO

O confronto entre o imperador Augusto e Virgílio em *A Morte de Virgílio* de Hermann Broch dramatiza as tensões entre o poder político e a ética da criação poética. Este ensaio busca explorar como Broch articula esse embate como uma reflexão sobre as implicações éticas e estéticas de uma obra inacabada, conectando-as ao conceito de “obra aberta”, proposto por Umberto Eco. A interação entre Augusto e Virgílio não é apenas histórica, mas filosófica, ilustrando um debate sobre controle, abertura e significado.

## 2 APRESENTAÇÃO DE “A MORTE DE VIRGÍLIO”

Publicado em 1945, *A Morte de Virgílio* é uma das obras mais emblemáticas de Hermann Broch, reconhecida por sua complexidade filosófica e estilística. O romance narra as últimas 18 horas de vida do poeta romano Virgílio, enquanto ele reflete sobre sua existência, sua arte e seu legado. Dividida em quatro seções — Água, Fogo, Terra e Éter —, a obra apresenta uma estrutura não linear que mistura narrativa, fluxo de consciência e meditações filosóficas.

No centro da narrativa está o desejo de Virgílio de destruir a *Eneida*, sua obra-prima, por considerá-la incompleta e inadequada como veículo de verdade espiritual. A tensão entre Virgílio e Augusto emerge como o clímax do livro, ilustrando o confronto entre a obra política, voltada para a consolidação do poder, e a obra poética, que aspira à transcendência. A partir desse embate, Broch reflete sobre as implicações éticas e estéticas da arte e suas relações com a recepção pública.

## 3 O CONFLITO ÉTICO, ESTÉTICO E A QUESTÃO DA AUTORIA

No capítulo *Terra*, o diálogo entre Augusto e Virgílio chega ao clímax ao discutir as diferenças entre uma obra política e uma obra poética, abordando também a delicada questão da autoria e da recepção. Virgílio, em seu leito de morte, deseja

destruir a *Eneida*, não apenas por considerá-la incompleta, mas por temer que ela seja instrumentalizada como um símbolo de poder. Ele afirma: “Minha palavra não foi criada para a glória de um homem, mas para a verdade que transcende todos os homens” (Broch, 2022, p. 278). Para Virgílio, a arte é um compromisso ético com a verdade e a transcendência, distante das manipulações políticas.

Augusto, por outro lado, argumenta que a obra não pertence mais ao autor, mas ao povo romano: “Sua criação é agora parte do império, assim como você mesmo é” (Broch, 2022, p. 282). Este embate representa não apenas a tensão entre o controle autoral e a apropriação coletiva, mas também as implicações políticas de uma obra que se torna “aberta” à recepção pública. Como Augusto sugere, aqueles que se colocam como “porta-vozes” do povo têm o poder de instrumentalizar a obra para fins de propaganda e controle social.

Broch começou a escrever *A Morte de Virgílio* enquanto estava preso pelo regime nazista e concluiu o romance no exílio nos Estados Unidos. Essa experiência permeia a narrativa, que carrega implícita uma crítica às formas de controle cultural utilizadas por regimes totalitários. O conflito entre a obra política e a poética, portanto, revela a vulnerabilidade da arte frente às estruturas de poder, enquanto a tensão entre autoria e recepção sugere que a obra aberta é tanto um espaço de liberdade quanto um campo de disputas ideológicas.

## 4 OBRA ABERTA E OBRA FECHADA

A teoria da “obra aberta” de Umberto Eco surge em um contexto de intensas transformações culturais no século XX, marcadas pela ascensão de vanguardas artísticas e pela interseção entre arte, ciência e tecnologia. Inspirado por avanços como o estruturalismo e a teoria da informação, Eco argumenta que a obra de arte contemporânea não é um objeto fixo e estático, mas um campo dinâmico de possibilidades interpretativas.

Para Eco, a “obra aberta” se diferencia por sua indeterminação, permitindo múltiplas leituras que dependem da interação ativa do intérprete. Obras como as esculturas móveis de Calder e as composições musicais de Boulez exemplificam essa estética da participação, onde a interação do público é fundamental para completar o significado da obra. A ambiguidade, longe de ser uma falha, é vista como uma característica essencial da experiência estética moderna, promovendo riqueza semântica e camadas de significados.

Por outro lado, a “obra fechada” é frequentemente idealizada como perfeita e imutável, um “diamante” simbólico, conforme Eco. Essa ideia encontra ressonância no conceito platônico de símbolo como apresentado no diálogo *O Banquete*, de Platão, onde o “*symbolon*” representa uma totalidade perdida que busca ser restaurada. Segundo Byung-Chul Han, “o simbólico promete uma plenitude do ser, uma cura. Sem a ordem simbólica, permanecemos como pedaços partidos e fragmentos” (Han, 2023, p. 92).

Han também exemplifica essa multiplicidade ao citar Cézanne: “Ah! Nunca se pintou a paisagem. O ser humano não deve estar aí, mas sim ter entrado inteiramente na paisagem” (Cézanne, apud Han, 2023, p. 51). Essa abordagem, ligada à estética impressionista, ilustra a exigência de participação do intérprete, um traço que Eco considera essencial para caracterizar a obra aberta. Em *A Morte de Virgílio*, essa distinção é dramatizada no dilema de Virgílio sobre a *Eneida*. Enquanto Augusto busca transformá-la em um monumento fixo e controlado, Virgílio defende a indeterminação e a liberdade interpretativa como uma forma de proteger sua obra de apropriações políticas e culturais.

## 5 ÉTICA E ESTÉTICA DA INCOMPLETUDE

O dilema de Virgílio sobre a destruição de sua obra é uma metáfora para as implicações éticas de uma criação aberta. Eco sugere que “a abertura não é apenas estética, mas ética, na medida em que convida à interação e à responsabilidade do intérprete” (Eco, 1991, p. 37). Essa abordagem é evidente em Broch, quando

Virgílio reflete sobre o impacto de sua decisão: “O fogo purificaria minha criação, mas também destruiria o que ela poderia se tornar para aqueles que ainda não nasceram” (Broch, 2022, p. 304).

A obra inacabada, portanto, não é uma falha, mas uma resistência à autoridade e um convite à continuidade interpretativa. Essa visão contrasta diretamente com a política de Augusto, que busca consolidar a obra como um monumento fixo e finalizado, refletindo o uso da arte como um meio de controle social.

## 6 A TEORIA DA DEMOCRACIA DE BROCH E A ARTE COMO RESISTÊNCIA

Hermann Broch, em sua *Teoria da Democracia*, discute as fragilidades da democracia representativa e os perigos de sua degeneração em regimes totalitários. Para Broch, uma democracia reduzida à formalidade do voto é vulnerável à manipulação de líderes autoritários, que podem instrumentalizar tanto o discurso democrático quanto a produção cultural em favor de projetos totalitários. Ele alerta que: „*Die wahre Essenz der Demokratie liegt nicht in der bloßen Formalität, sondern in der ständigen ethischen Wachsamkeit, die verhindert, dass die Macht die menschliche Würde erstickt.*”<sup>1</sup>.

## 7 CONCLUSÃO

*A Morte de Virgílio* de Hermann Broch e a teoria da “obra aberta” de Umberto Eco convergem em uma reflexão profunda sobre o papel da arte na sociedade. O embate entre Augusto e Virgílio simboliza o conflito eterno entre controle e liberdade, entre a necessidade política de estabilidade e a essência ética da criação artística. A abertura da obra não é apenas uma característica estética, mas uma exigência ética e espiritual, garantindo que a arte permaneça viva e relevante em sua capacidade de transcender o tempo e o espaço.

<sup>1</sup> “A verdadeira essência democrática não reside na mera formalidade, mas na vigilância ética constante que impede que o poder sufoque a dignidade humana.” Tradução minha.

## REFERÊNCIAS

BROCH, Hermann. **A morte de Virgílio**. Tradução de Wagner Schadeck. Campinas: Sétimo Selo, 2022.

BROCH. H. „*Theorie der Demokratie*“ In: BROCH. H. *Psychische Selbstbiographie*. Suhrkamp Verlag. 1999.

CÉZANNE, Paul. *Über die Kunst*. Op. cit., p. 19. Apud HAN, Byung-Chul. *Vita contemplativa ou sobre a inatividade*. São Paulo: Vozes, 2023.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa ou sobre a inatividade**. Tradução de Agatha Bacelar. São Paulo: Vozes, 2023.

## Contribuição de Autoria

### 1 – Wagner Schadek

Mestrando na UFSM. Traduziu as “Odes” de John Keats (2016), “Ensaio sobre o amor” (2019) e “A desumanização da arte e outros ensaios” (2021) de Ortega Y Gasset, “À Melancolia: uma antologia poética” de Nietzsche (2020), “As Neuroses” de Rollinat (2021), “O Processo” (2021) e “A Metamorfose” (2022) de Kafka, “Histórias, aforismos e profecias” de Leonardo da Vinci (2021), “Profissões para mulheres e outros ensaios” de Virginia Woolf (2021), “A morte de Virgílio” (2022) e a trilogia “Os sonâmbulos” de Hermann Broch (2024).

Universidade Federal de Santa Maria

<https://orcid.org/0009-0007-1247-9134> • [wagnerschadeck@gmail.com](mailto:wagnerschadeck@gmail.com)

Contribuição: Conceituação, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição.

### Conflito de Interesses

*O autor declarou não haver conflito de interesses.*

### Direitos Autorais

*Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.*

### Verificação de Plágio

*A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.*

**Editora-chefe**

*Rosani Ketzer Umbach*

**Como citar este artigo**

SCHADEK, W. A dramatização política da “obra aberta” em “A morte de Virgílio”. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e90172, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X90172>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/90172>. Acesso em: xx/xx/xxxx.